

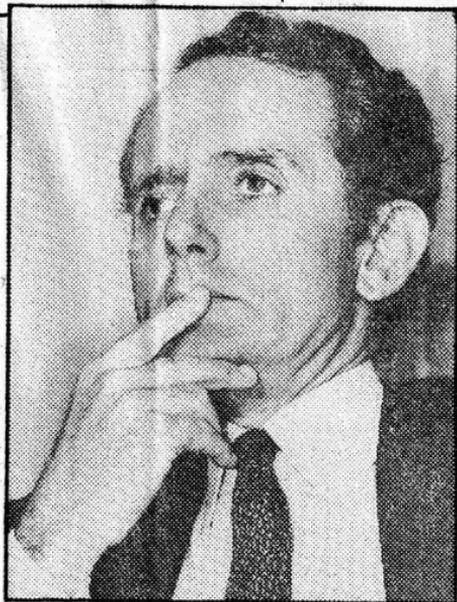
Funaro terá agenda cheia

Washington (do Correspondente) — O encontro mais importante que o ministro da Fazenda, Dilson Funaro, terá hoje será com o presidente do Federal Reserve (o banco central americano, autarquia independente do Executivo), Paul Volcker, que vem demonstrando disposição de apoiar as reivindicações brasileiras de novos recursos e de melhores termos para o pagamento da dívida, desde que, com medidas austeras, o governo Sarney reequilibre suas contas.

Volcker tem divergido com frequência da política do departamento do Tesouro americano e, como é responsável pela política monetária e pela sustentação do sistema financeiro dos Estados Unidos, tem pressionado os bancos particulares credores do Brasil a acelerar as negociações de reescalonamento da dívida, embora esses bancos tenham deixado claro que só abrirão negociações após o anúncio da nova política econômica.

Funaro — que viaja com o presidente do Banco Central, Francisco Gros — não terá então nenhum encontro com representantes dos bancos particulares e, além de conversar com Volcker, vai se reunir com o secretário do Tesouro, James Baker, com o vice-secretário de Estado, John Whitehead, com o presidente do Banco Mundial, Barber Conable, e com o diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional, Michel Camdessus, este “por mera cortesia”. Depois, seguirá para a Europa.

O encontro com o secretário do Tesouro, James Baker, deverá ser também crucial para Funaro. Nos últimos meses



Francisco Gros, do BC

os contatos telefônicos entre os dois têm sido frequentes e foram especialmente intensos no mês passado, durante a negociação do reescalonamento da dívida com o Clube de Paris. Baker e seus assessores não têm escondido sua irritação, nos últimos dias, com a demora do governo Sarney na adoção de medidas corretivas para o Plano Cruzado. Eles consideram que essas demoras foram responsáveis pelos desequilíbrios que acabaram resultando na suspensão dos pagamentos dos juros.

Fontes brasileiras em Washington ressaltam que a visita ao diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional, Michel Camdessus, será “de mera cortesia”. Com isso, pretende-se deixar claro que não existe a intenção de negociar qualquer acordo com o FMI, como tanto bancos quanto governos credores vem recomendando insistentemente nos últimos anos. No fim do ano passado o governo Sarney concordou, contudo, em “contatos intensificados” com aquela instituição.